



## O NOVO PONTO DE EQUILÍBRIO DO SETOR DE PAPEL E CELULOSE

Especialistas da Fastmarkets RISI sinalizam turbulências no cenário socioeconômico latino-americano, mas indústria tem demonstrado resiliência e estratégia para superar os desafios no futuro pós-pandemia, investindo em mercados que tiveram crescimento nos últimos anos

**POR THAIS SANTI**  
Especial para *O Papel*

Investimentos em expansão de R\$ 35,5 bilhões até 2023, destinado para florestas, novas fábricas, tecnologia e ciência. Um setor que contribui com US\$ 10,3 bilhões para o saldo da balança

comercial e que gera mais de 1,3 milhão de postos de trabalho na cadeia de árvores plantadas, somando oportunidades para 3,75 milhões de brasileiros em todo o País (dados do Relatório IBÁ 2020). “É assim que temos que ser lembrados”, des-

tacou Walter Schalka, durante o painel de CEOs da Conferência Fastmarkets RISI. É por essa mesma relevância que a sentença merece abrir esta matéria.

Diante de um cenário desafiador nesses últimos dois anos, observar os

números positivos do setor como segundo maior exportador mundial de celulose, expressando todo o seu potencial no mercado de papéis, é realmente surpreendente. Ao mesmo tempo em que, conforme projeções de Rafael Barisaukas, economista da Fastmarkets RISI, o pós-pandemia exigirá bastante estratégia e negociação das empresas para dar suporte na recuperação econômica dos países, exercendo um papel fundamental nesse período.

Em especial, a América Latina, onde a exportação de *commodities* será uma das principais impulsionadoras, visto que os demais setores foram diretamente afetados e levarão mais tempo para se recobrem, como os setores de turismo e construção. Barisaukas apontou que em 2020, o PIB da região retornou ao mesmo patamar de 2011, representando uma queda de 7,5%. 41 milhões de empregos foram perdidos e a renda dos trabalhadores reduziu em 19,3%. No restante do mundo, o impacto foi menos incisivo, somando um déficit de 114 milhões de empregos e uma queda na renda da população de 8,3%.

O economista destacou que os números por si não demonstram totalmente a realidade trazendo ainda mais incertezas, uma vez que a informalidade dos empregos é muito alta na América Latina, influenciando desde o recebimento de auxílios por parte do governo até o recebimento dos impostos, gerando consequências em efeito cascata. Para se ter uma ideia, no Brasil, do total da população que se considera empregada, 46% trabalham na informalidade.

Em resumo, a ajuda provida pelos governos dos países emergentes, segundo Barisaukas, não foi suficiente e a inflação está cada vez mais evidente a partir do comprometimento com os gastos assumidos por conta da pandemia em 2020. Além disso, existe um gap provocado pelo alto nível de exportações desequilibrando a oferta e a demanda, o que eleva os preços no mercado doméstico, incluindo alimentos.

Entre desafios e oportunidades, Barisaukas abordou ainda a importância de reformas fiscais e tributárias, mas questionou se o aumento de taxas poderia levar uma redução no consumo. De certa forma, os países da América Latina estão lidando de maneira diferenciada com a questão, seja por meio de programas sociais, realocando os recursos, ou uma postura mais austera.

Dessa forma, a recuperação do cenário macroeconômico, em relação aos níveis do PIB no pré-pandemia, poderá levar até três anos. Na América do Sul, o crescimento deverá ser de 3,5% ao ano entre 2021 e 2022. No caso do Brasil, especificamente, a previsão da Fastmarkets RISI é de 2,8%. No mundo, o crescimento deverá ser de 5%.

Nesse contexto, o mercado global de celulose também tem se ajustado conforme o pior da pandemia vai ficando para trás, apontou David Fortin, VP de Fibras da Fastmarkets RISI. “Embora o segmento de tissue tenha aproveitado um crescimento substancial, ante um colapso dos papéis gráficos, este ano já vivenciamos uma maior estabilidade desse mercado, mas também uma recuperação de outras especialidades de papéis, com a retomada das escolas e escritórios”, pontuou Fortin.

Atualmente, os riscos giram em grande parte em torno da trajetória pandêmica, dos níveis de estoque, do papel no mercado futuro e das interrupções do lado da oferta. “A retirada das margens do usuário final e um descompasso de tempo entre pedidos e entregas pesarão nos pedidos no terceiro trimestre. Os níveis de estoques estão mistos, mas os pedidos na China estão lentos”, pontuou.

“Com isso, 2021 deve visualizar desafios de transporte devido à falta de contêineres, aumentos nas taxas de frete e atrasos nas entregas e uma demanda maior mais ao final do ano”, acrescentou.

Já como fatores-chave para o setor nos médio e longo prazos, Fortin destacou que do lado da demanda deverá ser observado o maior uso das fibras como alternativa para os plásticos de uso único, aplicação da fibra em produtos tissue,

diminuição do mercado de papéis gráficos e, conseqüentemente, menor quantidade de papel reciclado de alta qualidade disponível no mercado, e a China demandando mais fibras virgens após o banimento da importação de papéis reciclados. Do lado da oferta, haverá crescimento do mercado de celulose solúvel e fibras têxteis e aumento no fornecimento de cavacos de madeira para algumas regiões, bem como a robustez do segmento de papelcartão, com consumo garantido pelo e-commerce.

Em números, o mercado chinês continua sendo responsável por 36% ou 24 milhões de toneladas de demanda global de celulose de mercado. O segundo maior destino é a Europa com 24%. Os Estados Unidos respondem por outros 10% e o restante do mundo por 30%.

Atualmente, da produção total de celulose 46% vão para o segmento de papéis tissue, 28% para papéis gráficos e 25% especialidades e papelcartão.

## SETOR DE PAPÉIS

### Tissue

O consumo global de tissue foi de 43 milhões de toneladas em 2020. Um crescimento recorde de 5,9%, apontou Esko Uutela, diretor de tissue, da Fastmarkets RISI. O consumo é liderado pela América do Norte, com 24,4%, seguido pela China, com 23,8%. A Europa responde por 16,3% e a América Latina por 10,7%, seguida por outras regiões.

A China continua sendo o maior produtor desde 2015 e viu um grande crescimento tanto no consumo doméstico, que aumentou 8,8%, quanto nas exportações dos seus produtos devido à pandemia. Na América do Norte, o resultado também ultrapassou os 8% no período, enquanto nas demais regiões esse crescimento foi menor. O diretor lembrou que, ainda que se tenha verificado aumento no consumo global de papéis tissue, os produtos *Away from Home* (AfH) tiveram uma queda de 9%. Mesmo assim, esse consumo migrou para a utilização de outros tipos de papéis.

Além disso, existe, segundo Uutela, a incerteza sobre o futuro econômico dos países para traçar um melhor cenário para os próximos anos, mas diante dos anúncios já existentes uma sobre capacidade poderá ser observada com a continuidade dos investimentos. “O mercado de tissue global está numa fase extremamente competitiva”, enfatizou.

Especificamente para a América Latina, Uutela destacou que as perspectivas no longo prazo são positivas para o segmento tissue, mas que no curto prazo, o pós-pandemia pode ser influenciado negativamente pelos impactos socioeconômicos causados pelo período da pandemia, como já demonstrado nos ciclos anteriores em períodos de recessão.

“Ainda assim, existem inúmeros projetos sendo construídos na América Latina e muitos outros sendo planejados, mesmo que o setor continue operando a uma capacidade de utilização baixa – em torno de 75%”, disse Uutela. Dessa forma, a projeção de crescimento do consumo em 2021 será de 3% e para os próximos dois anos de 4%, conforme o especialista.

Já na China, a média de crescimento do consumo tem sido de 7,9% ao ano. Em 2020 foi de 8,3%. “Embora a economia chinesa tenha sido altamente afetada com a pandemia, a recuperação foi muito rápida e o segmento sofreu temporariamente. Além disso, a demanda de tissue, por conta da pandemia, fez as exportações dispararem na região, crescendo 1,09 milhão de toneladas (9,1%) em 2020, um novo recorde mundial.” Tal como na América Latina, Uutela chamou a atenção para a capacidade de utilização baixa. Menos de 70%.

### **Papéis para embalagens**

Rafael Barisauskas, além de apresentar o cenário macroeconômico, também falou sobre o mercado de papéis para embalagens. O economista pontuou que o momento atual é de recuperação para os dois principais produtores da região latino-americana – Brasil e México.

“Com a retomada das atividades nesses países, incluindo o Chile, o consumo doméstico está melhorando, mas a pas-

sos lentos. E é essa mesma demanda que tem definido as tendências globais”, disse Barisauskas.

Nesse contexto, o mercado mexicano está demandando maior importação de matéria-prima e bens intermediários para dar suporte à exportação de seus manufaturados, mas isso tem pressionado esse mercado. Já o mercado brasileiro, por conta da alta exportação de *commodities* (agricultura, carne e metais), tem obtido ganhos nesse mercado com o momento atual. E tudo isso está diretamente ligado ao setor de embalagens uma vez que o Brasil, ao exportar muito mais alimentos que antes, esses, demandam mais embalagens. Ou seja, as exportações de kraftliner e caixa para embalagem, propriamente, reduziram 22,4% e 37,5%, respectivamente, e não há papéis suficientes para exportar dentro da América Latina.

E qual a relevância desse mercado? Barisauskas detalha que o setor de alimentos no Brasil representa 64% da demanda de cartão para embalagem. “Somados à demanda do setor de serviços de alimentos, como os restaurantes, por conta da retomada das atividades, e aumento do consumo de produtos de beleza, como cosméticos e higiene, que também são muito relevantes, tal cenário tem colocado a indústria no País em patamares similares aos já vivenciados pouco antes da pandemia (fevereiro de 2020). Nesse sentido, a expedição de caixas de papelão ondulado e cartão aumentou 13%”, destacou o economista.

A fatia do e-commerce na demanda de cartão para embalagens representa apenas 5% do total, conforme o analista, e isso se deve à baixa penetração da internet na casa das pessoas. Com isso o mercado fica mais limitado, sendo suportado ainda que pela internet móvel nos celulares.

Dessa maneira, a projeção de Barisauskas é de que Brasil e México continuem liderando o mercado. Juntos os países representam mais de 65% da demanda em papéis para embalagens. O Brasil é autossuficiente em embalagens, enquanto o México depende dos Estados Unidos para suprir sua demanda doméstica. Chile e Argentina possuem

¼ do total da demanda e têm alguma relevância na produção, enquanto os países da América Central dependem totalmente da importação de embalagens.

Traçando um cenário mais positivo para os próximos anos, com inflação moderada e a pandemia controlada, Barisauskas prevê que a demanda na América Latina seja de 13,8 milhões de toneladas em 2022 (mesmo patamar de 2018). Já em um cenário contrário, a demanda poderá ficar em 12,9 milhões de toneladas.

Para o Brasil, especificamente, a análise do economista para cartão para embalagens foi de que o País não teve queda em 2020 e continuou crescendo em 2021 – contrário ao ocorrido nos demais países. “Em 2022, esse segmento poderá oscilar um pouco. Impactos no e-commerce já estão sendo observados desde o início deste ano, seja pela reabertura do mercado convencional, o que pode estar gerando uma migração, seja pela perda do poder de compra da população e aumento da inflação no mercado doméstico”, disse o economista.

### **Papéis gráficos**

Derek Mahlbarg, especialista do mercado de papéis gráficos para a Fastmarkets RISI, considerou o cenário atual como um momento tumultuado para a especialidade de papéis gráficos, mas vislumbrando a possibilidade de virada em algumas regiões.

O economista apontou que existem questões importantes para serem avaliadas do lado da oferta, principalmente quanto à necessidade de aumento de capacidade e das margens de mercado. “A racionalização sobre a oferta será um problema em vários mercados globais devido ao declínio da demanda, entre outras barreiras comerciais”, disse.

“A capacidade asiática estará em risco quando algumas das novas máquinas na Ásia entrarem em operação. Há também uma grande capacidade europeia prevista. Mitigando um pouco esse risco, avaliaremos conversões de plantas integradas de baixo custo, como é o caso da Domtar, na América do Norte e, mais recentemente,

da Navigator, em que eles vão converter uma planta para papelão”, comparou.

Em 2020, a demanda global de papéis gráficos foi de 79 milhões de toneladas, o que já representou uma queda de 13 milhões de toneladas em relação ao ano passado e muito maior que a já vista em 2009, segundo Mahlburg. “De fato, nos mercados maduros, o consumo continuará em queda, mas nos mercados emergentes, ele voltará a crescer. Em especial na América Latina, após a drástica queda em 2020. Essa é a única região onde realmente estamos otimistas quanto às perspectivas de uma recuperação mais substancial”, disse o economista.

“Oriente Médio e a África também deveriam ser mercados em que continuaríamos a ver algum crescimento na demanda, devido ao aumento da renda e à melhoria da alfabetização, mas, em vez disso, vimos a demanda cair, tanto quanto ocorreu nos mercados desenvolvidos”, contrapôs.

Para compensar o declínio da demanda nos mercados desenvolvidos, onde pode ocorrer tendências de substituição dos papéis gráficos pelo meio digital, a pandemia tornou as coisas ainda piores, acelerando esse processo.

No caso da demanda latino-americana por classificação, o segmento é realmente dominado pelos papéis não revestidos, com 70% da demanda. “É exatamente nesta categoria que esperamos que a maior parte da recuperação ocorra na reabertura de escritórios e escolas”, pontuou Mahlburg.

## Papéis reciclados

Hannah Zao, economista da Fastmarkets RISI para os mercados asiáticos, chamou a atenção para uma possível crise no mercado de papelão ondulado pós-consumo (OCC). Nos últimos 12 meses os preços do OCC sofreram grandes aumentos acima do esperado na Europa, bem como na América Latina. Nesse primeiro, a oferta passou por interrupções devido aos lockdowns e outras medidas restritivas no final de 2020 e início de 2021. Já no caso do Brasil e México, além das restrições ocasionadas por conta da pandemia, houve baixa eficiência da reciclagem devido ao aumento do e-commerce.

Ao mesmo tempo, nos Estados Unidos os preços subiram acentuadamente na metade deste ano devido ao aumento da demanda doméstica e das exportações. Enquanto na Ásia, o cenário era de escassez pelo material, alta demanda e problemas logísticos.

No caso dos Estados Unidos, houve um crescimento de 21% nas exportações só nos primeiros cinco meses de 2021, ante a queda de 14% em 2019 e outros 12% em 2020. Nesse mesmo período, a economista disse que as exportações para os países da Ásia, com exceção da China, cresceram 87,9%. Já o aumento das exportações dos EUA para a América Latina foi de 222,4%. No Brasil, as importações dispararam em 2,277% no primeiro semestre de 2021.

Enquanto isso, na China, que proibiu a importação dessa matéria-prima, encontrou na importação de celulose reciclada um meio para obter a fibra necessária para sua produção. Nesse caso, tendo os Estados Unidos e outros países asiáticos como seus principais fornecedores. “As importações têm aumentado ano após ano desde 2017 e o mesmo tem ocorrido para papelão ondulado”, contou Hannah.

Em suas projeções a economista indica que o papelão ondulado pós-consumo estará mais disputado (OCC) e a tendência maior é de crescimento para os papéis reciclados (RCP). O México continuará sendo o maior importador na América Latina. Quanto ao Brasil, ainda existem incertezas por conta do momento atípico.

“De maneira geral, enquanto o mundo vai se voltar mais para o reciclado, o Brasil migra para a utilização de fibra virgem. Já Estados Unidos, Europa e Oceania têm previsão de aumento do consumo de RCP. China e Ásia continuarão a importar quantidades significativas de RCP e OCC, respectivamente, mas as dificuldades logísticas ainda podem impactar a demanda e a oferta desse mercado. Além disso, no meio termo, os reflexos da pandemia podem trazer riscos não só do lado da demanda como da oferta”, resumiu Hannah.



## CEO DO ANO

### Cristiano Teixeira é eleito CEO do Ano na América Latina pela Fastmarkets RISI por sua atuação à frente da Klabin

“É uma grande satisfação participar da gestão de uma empresa como a Klabin e ser reconhecido por este trabalho.

Acredito que os grandes desafios que enfrentamos estão impulsionando progressos significativos relacionados à economia, clima, negócios, responsabilidade social, saúde e governança. É um importante reconhecimento pela dedicação de todos na jornada para o alcance do propósito de fazer da Klabin um lugar que se dedica a construir um futuro mais sustentável, por isso faço questão de compartilhar essa conquista com todos os colaboradores, parceiros e investidores da Companhia”, afirmou Teixeira.

A Fastmarkets RISI elegeu Cristiano Teixeira, diretor-geral da Klabin, como CEO do Ano na América Latina em 2021. O executivo já havia conquistado a posição global de International CEO of the Year, em abril deste ano, no 12.º PPI Awards da Fastmarkets RISI, considerado o principal prêmio da indústria de papel e celulose no mundo. Com mais de 30 anos de carreira, Teixeira possui uma sólida trajetória no segmento. Na Klabin, desde 2011, liderou diferentes áreas como Supply Chain, as divisões de Papelão Ondulado, Sacos Industriais, Papéis Sackraft e Containerboard. Assumiu a direção-geral da empresa em 2017 e, desde então, conduz importantes transformações que impulsionam e aceleram o crescimento da Companhia.

As premiações realizadas pela Fastmarkets RISI são resultado da votação realizada pela consultoria com analistas independentes e outros especialistas que acompanham o segmento de papel e celulose. Em 2020, a Klabin foi vencedora na categoria Inovação em Embalagem com o Eukaliner®, um kraftliner feito exclusivamente com fibra de eucalipto e inédito em âmbito mundial.



DIVULGAÇÃO KLABIN

#### Painel de CEOs

O tradicional painel de CEOs das Conferências da Fastmarkets RISI sempre trazem os temas atuais para serem discutidos pelos líderes do setor. E este ano não foi diferente. Participaram do evento virtualmente, Cristiano Teixeira, CEO da Klabin, Rodrigo Libaber, diretor da Eldorado Brasil, e Walter Schalka, CEO da Suzano.

Entre os principais temas abordados estiveram a popularização do ESG, volatilidade dos preços, mercados de oportunidade e desafios atuais. Cadu Schmidt, equity research da Fastmarkets RISI, abriu o painel indagando os executivos sobre como popularizar o setor florestal dentro do perfil ESG no mercado. O CEO da Klabin iniciou a fala e afirmou que é um trabalho a ser construído, mas que o setor está muito bem-posicionado. “Possuímos um histórico de desenvolvimento florestal muito positivo e realizado há décadas, portanto, isso precisa ser demonstrado”, enfatizou.

Para Walter Schalka, o setor faz muito mais do que é comunicado. “Nossa indústria é negativa em emissões de carbono. Trabalhamos 100% com florestas plantadas, mas ainda existe o mito que nós desmatamos florestas e esse é um grande desafio. Contudo, é necessário falar cada vez mais sobre o assunto”, disse o presidente da Suzano.

Libaber complementou a fala dos executivos acrescentando que o ESG sempre esteve presente na gestão estratégica das empresas e disse que uma vez que o conceito está ligado à sua monetização, logo ele é associado como o primeiro interesse das empresas, enquanto, na verdade, é uma consequência. “Nosso principal objetivo é ajustar nossos processos e contribuir para a desaceleração das mudanças climáticas. Não olhamos apenas o lucro. O mercado de carbono, por exemplo, é muito interessante para o nosso setor, mas sabemos que ele deve ser regulado para que o processo seja justo”, pontuou.

O tema voltou à mesa em questões posteriores, onde os executivos demonstraram urgência do setor na atuação mais direta quanto a suas metas de redução de gases de efeito estufa. Schalka sublinhou que a meta de 2050 já deveria ter sido descartada há muito tempo, pois não condiz com a realidade da situação das mudanças climáticas. “É um esforço global que precisa ser feito para reverter esse cenário”, comentou.

Outro tema que envolve questões de sustentabilidade e estratégia de mercado é o de substituição aos plásticos, especialmente aqueles de uso único. Schalka defende que isso já acontece e deverá continuar no longo prazo, bem como o aumento de fibra virgem e o uso de fibras recicladas. “Não se trata apenas de uma questão de preços, mas de uma demanda da sociedade. Estamos bem-posicionados para o futuro, com um crescimento orgânico que permite maior consumo”, pontuou.

“O senso de preservação do ser humano, como a substituição ao plástico é só um dos vários exemplos de mudança do comportamento dessa sociedade”, disse Libaber.

“A fibra curta vai substituir a fibra longa e a fibra virgem vai substituir a fibra reciclada, uma vez que o mercado de imprimir e escrever está em queda e com isso temos menos disponibilidade no mercado. Somado a isso temos o processo de substituição aos plásticos. E nós veremos o crescimento orgânico desse mercado”, pontuou o CEO da Suzano.

Quanto ao mercado de celulose, como desafios,

Schalka acrescentou que o setor deve trabalhar para reduzir a volatilidade, uma vez que não agrega valor a cadeia. “O melhor cenário é mudar o sistema de preços e queremos fazer isso”, disse.

Na opinião do diretor da Eldorado Brasil, uma menor volatilidade contribuiria para o melhor planejamento estratégico das empresas. Contudo, Teixeira não vê grandes problemas no mercado atual.

Ainda nesse tema, o profissional da RISI questionou os executivos quanto às suas percepções de alterações nos mercados durante a pandemia. Libaber disse que houve a intensificação de processos que já estavam em curso nos segmentos, como a queda mais acentuada de papéis para imprimir e escrever e aumento do consumo de tissue acima do esperado. Além dos papéis para embalagens, que ganharam ainda mais espaço com a expansão do e-commerce na região.

Nos demais assuntos como desafios logísticos e entrada de novas capacidades, os executivos foram quase que unânimes em suas respostas, concordando que se trata de um desafio a ser acompanhado ainda nos próximos meses. Já quanto às novas capacidades, que essas não influenciarão diretamente os mercados, mas que são muito relevantes para os negócios como um todo.

“Não percebemos o quanto nossa indústria é importante para o País. Nós contribuimos em mais de US\$ 10 bilhões para o saldo da Balança Comercial, o que significa 1/6 do saldo total nacional. Ou seja, a dimensão dessa indústria é muito extensa. Se somarmos os projetos Puma II, Bracell, LD Celulose, e agora a Suzano, de longe é o maior Capex quando comparado a qualquer outro setor. Ninguém investe tanto quanto a indústria de celulose de papel, pois criamos empregos, seja durante a construção ou na operação, uma vez que somos capital intensivo”, enfatizou Schalka.

A conferência Fastmarkets RISI América Latina foi realizada virtualmente entre os dias 4 e 6 de agosto deste ano. ■

